

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS - **UNEAL**  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO - **PROGRAD**  
PROGRAMA DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DE ALAGOAS -  
**PROLIND**  
CURSO DE LICENCIATURA INDÍGENA DE ALAGOAS - **CLIND-AL**  
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA EM HISTORIA

ALBERTINA BRANDÃO FERRAZ

**O ARTESANATO COMO COMPLEMENTO DA FONTE DE RENDA DO POVO  
KOIUPANKÁ.**

**PALMEIRA DOS ÍNDIOS-AL  
2015**

**ALBERTINA BRANDAO FERRAZ**

**O ARTESANATO COMO COMPLEMENTO DA FONTE DE RENDA DO POVO  
KOIUPANKÁ.**

Trabalho de Conclusão de Curso/ TCC, em forma de Artigo, apresentado no Curso de Licenciatura Intercultural em história, do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena de Alagoas/CLIND-AL, vinculado ao Programa de Licenciatura Intercultural Indígena/ PROLIND, ofertado pela Universidade Estadual de Alagoas/ UNEAL, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Prof. Me José Adelson Lopes Peixoto

PALMEIRA DOS ÍNDIOS –AL  
2015

## **O ARTESANATO COMO COMPLEMENTO DA FONTE DE RENDA DO POVO KOIUPANKÁ.**

Albertina Brandao Ferraz<sup>1</sup>

Orientador Professor Me. José Adelson Lopes Peixoto  
albertinabrandao@hotmail.com

**RESUMO:** Este artigo é uma reflexão sobre a cultura da produção de artesanato do povo Koiupanká, levando em consideração o complemento na renda familiar através desta produção, assim compreendendo a importância da arte como patrimônio e elemento formador de identidade étnico e cultural, sendo indispensável na cultura do povo, no fortalecimento da identidade e na conscientização da sociedade não indígena. O artesanato traz consigo uma forte ligação com a identidade deste povo, pois é a partir destas produções que fortalece a cultura, ao mesmo tempo em que contribuem com a renda familiar. Com base nessas suposições fixo minha pesquisa buscando saber sua importância e motivo pelo qual diminuiu sua produção. Fiz uso de questionários com perguntas fechadas que foram aplicados em dias alternados 16/06/2014, na Baixa do Galo e 20/06/2014 na Aldeia Roçado foram entrevistadas cinco artesãs e uma liderança que relatam sobre a gradativa diminuição no processo de fabricação das peças devido a escassez da matéria prima, o que acarretou o uso apenas em períodos de rituais ou como ornamentação nas casas. Utilizo os relatos destas artesãs para então seguir a discussão que segue neste trabalho teoricamente ancorado nos pressupostos livros de Graça Proença, Néstor Gacía Canclini, Clovis Antonio Brighenti, entre outros.

**Palavras-chave:** Terra. Artesanato. Renda. Identidade. Cultura.

### **1-Introdução.**

Na comunidade Indígena Koiupanká, as artesãs, por muitos anos, se destacaram na produção de artesanato, desempenhando um importante papel que se inicia na fabricação de peças utilitárias (objetos domésticos) e marca fortemente a sustentabilidade familiar dessa comunidade. Considerando a relevância desse trabalho exercido, este estudo pretende abordar a importância do artesanato como complemento de renda do povo, para isto, apresentarei aspectos referentes à agressão psicológica e física que há muito tempo devastou parte do povo, ficando em seu lugar a marca do sofrimento, do preconceito, do racismo, pois muitos ao resistirem, foram massacrados, humilhados e perseguidos tendo seu sangue jorrado na mãe terra, plantando o clamor para toda a vida nos povos indígenas que se intimidaram e foram obrigados a serem escravizados e muitas vezes exterminados, contudo seus ramos permanecem resistindo até os dias atuais.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena em História, na Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, Campus III – Palmeira dos Índios. E- mail: albertinabrandao@hotmail.com.

A situação não mudou muito, mesmo depois de 515 anos, atualmente percebem-se os mesmos preconceitos, mas de uma forma maquiada, quando obriga os indígenas a conviver de acordo com os costumes e tradições da sociedade não indígena, levando uma vida paralela, vistos como incapazes, preguiçosos, analfabetos, sem cultura, sem conhecimento, sem leis e sem reis.

Para o povo koiupanká, situado no alto sertão de Alagoas, há uma distância aproximada de 270 km da capital alagoana, a situação não é diferente, pois também sofrem preconceitos da sociedade não indígenas por praticar os costumes, culturas e tradição e muitas vezes até mesmo excluídos da sociedade. Contudo prejudicam também os costumes, usos e a confecção dos artesanatos tradicionais que vêm de uma era milenar. Infelizmente ainda se vê discriminações com o modo de vida do indígena e com uso diário dos seus adereços.

Essa é uma realidade sofrida por todos os povos indígenas no Brasil. Entre os Koiupanká a prática do artesanato não pode ser entendida como um processo exclusivo de geração de renda, mas como complemento de renda, pois não dispõem do acesso ao território demarcado, o que os favoreceria nesse processo, facilitando as condições de vida e promovendo melhoria para a saúde e sobrevivência do povo. Na verdade, o artesanato está intimamente ligado ao equilíbrio econômico, cultural e social dos povos indígenas, fortalecendo o contexto histórico, ampliando o conhecimento intelectual e pessoal no cotidiano da comunidade, na existência dos costumes, cultura, tradição e conhecimento baseados nos antepassados.

Contudo, o artesanato é resultado de uma construção cotidiana de conhecimentos deixados pelos anciãos, sendo indispensável não adormecer esses conhecimentos com o tempo. Fortalecendo a esse processo para quebrar o preconceito de alguns não indígenas, valorizando mais essa cultura, analisando a organização social e econômica da comunidade nas diferentes situações domésticas, evidenciando as produções tanto pelo processo de organização do povo, como também individualmente, contudo resultando em uma atividade que favorece a comunidade Koiupanká por adquirir e transmitir novas experiências, saberes aos curumins <sup>2</sup> (e aos que mais se interessarem, criando a oportunidade de desenvolvimento cultural e social).

---

<sup>2</sup> Meninos ou meninas: termo utilizado tradicionalmente para designa as crianças indígenas.

No entanto esta prática vem diminuindo gradativamente devido à escassez da matéria prima, segundo pesquisa realizada com anciões da comunidade indígena Koiupanká: Maria Clarindo, Acenira Brandao, Maria Minervina, Veronica Maria, Benedita Maria e a liderança política José João da Silva (o cacique).

As trocas culturais ocorrem desde os primeiros contatos com o homem branco no espaço dos ancestrais, ocorreu uma grande perda nas práticas dos costumes, culturas e tradição. Como exemplo, destaca-se a confecção dos artesanatos de cerâmicas madeiras, fibras entre outros, decaiu muito com o avanço tecnológico, deixando oculta parte dos costumes e uso desses utensílios, somando as grandes perdas nas práticas culturais, da língua materna e a mãe terra que juntas somam a força do indígena na luta pelos seus direitos.

A arte indígena torna-se transmissora de expressões do mundo, narradora da realidade do artista e da arte é concretizada de várias formas através das danças, pinturas, utensílios, cânticos, artefatos e outros, variando conforme as particularidades de cada povo.

Pode-se distinguir facilmente e diferenciar os grupos indígenas devido sua forma própria de vivência, como o meio que lhes cerca suas vestes, pinturas, traços, cânticos e danças, tais aspectos se constituem numa mesma linha de pensamento, onde a vivência em comunidade e relevância a mãe natureza formam a base estrutural dos povos. Ressalta-se ainda que a evolução e interferência da sociedade moderna causaram a decadência de uma boa parte da cultura, dos costumes e tradições, alterando também o uso dos utensílios de cerâmica, havendo uma substituição da mesma e provocando adaptações a um costume dito moderno, com o uso das panelas de alumínio.

Os povos indígenas têm uma ampla valorização dos elementos que compõem a natureza e a mãe terra, pois é dela que se retira a alta sustentação do corpo e da alma, conseguindo enfrentar o cotidiano do mundo globalizado com indivíduos de visões completamente diferentes do indígena.

## **2- História do povo Koiupanká.**

Para o povo Koiupanká, após 515 anos da invasão dos portugueses à Terra de Vera Cruz, a exploração e falta de respeito com a diversidade étnica e cultural continuam da mesma forma, porém esta realidade é extensiva a muitos dos povos indígenas do Brasil. Desde a chegada dos ancestrais, em 1883, o ancião, patriarca,

Anselmo Bispo de Souza, descendente dos Pankararu - PE, juntamente com seus irmãos e primos, guiados por seu pai, encontraram roçados e uma rica variedade de fauna e de flora na região que atualmente se denomina Inhapi, no sertão alagoano.

Como o mesmo tinha um vasto conhecimento sobre terras e suas qualidades, perceberam a fertilidade ali existente para o plantio. Junto com seus familiares, decidiram conhecer um pouco mais a região, buscando por caça e pesca fonte de alimentação e base para a confecção de artesanatos utilizados no dia-a-dia. Assim, se estabeleceram na localidade e permanecem nela até a atualidade, firmando suas raízes, denominou o lugar como Serra dos Caboclos.

Os Koiupanká viviam no anonimato como forma de proteção contra o desrespeito, a discriminação, o preconceito, o racismo e o massacre por parte da sociedade não indígena, que os perseguia por praticar costumes diferenciados as tradições específicas. As tradições são repassadas de geração para geração, pois é através dos ritos e crenças que o índio obtém forças para continuar lutando pelos objetivos de fortalecimento da comunidade e seus direitos garantidos na constituição de 1988. Mesmo com todos os desrespeitos e preconceitos, os povos indígenas vem conseguindo superar obstáculos e resistindo em busca de seus direitos tradicionais.

Vale ressaltar que no sertão alagoano os povos indígenas se apoiam mutuamente, criando e mantendo alianças entre si. Nesse contexto, destacam-se os povos Kalankó, Katokinn, Karuazú, Koiupanká e Giripankó além de entidades não governamentais aliadas, como CIMI (Conselho Indigenista Missionário). Foi dessa aliança que em 2001 resultou no reconhecimento étnico dos Koiupanká frente à sociedade não indígena. Mesmo com o fortalecimento e com as alianças, continuamos sendo agredidos, principalmente na forma psicológicas por alguns leigos a respeito da nossa identidade étnica, onde somente após dois anos de luta, em maio de 2003, se deu a conquista do reconhecimento étnico pelo Ministério da Justiça (MJ). Na época, somente 72 famílias se identificaram como povo, por medo do preconceito da perseguição.

Seguindo este contexto ainda hoje a liderança política Koiupanká sente-se pressionada, por alguns dos parentes que não quiseram se identificar como povo e cobram seus direitos. “Atualmente, nós Koiupanká somos em 172 famílias,

aproximadamente 574 pessoas”, afirma Katiannei Rodrigues Forte kavier<sup>3</sup>, enfermeira do Polo Base Koiupanká.

A maioria do povo Koiupanká, sobrevive da agricultura em terras ocupadas como meeiros, em uma rotina que consiste em se deslocar ao raiar do sol e retornam às suas residências no fim da tarde; outros permanecem semanalmente no local das roças, porque a distância desses locais para sua residência é mais um empecilho que interfere nas atividades.

Nós povo Koiupanká, nos organizamos em três aldeias: Roçado, Baixa Fresca e Baixa do Galo. Esta divisão se deu devido às formações de famílias neste território tradicional, pois desde 1883, quando, pioneiramente houve a ocupação dos territórios, segundo a citação da liderança Jose João da Silva<sup>4</sup>, afirma que:

Tia Bem Vinda, Irmã de Anselmo Bispo de Souza, na Baixa Fresca constituiu uma família, onde suas raízes permanecem até os dias de hoje. Anselmo Bispo de Sousa constituiu sua família no Roçado que hoje se denomina por a cidade de Inhapi e o filho João Bispo de Sousa junto com alguns parentes organizaram-se na Baixa do Galo fixando assim seus familiares, onde construíram seus ranchos. Os mesmo constituíram suas famílias e atualmente continuamos divididos nas três aldeias, porém todos em terras de interesse.

Dessa forma, ao conhecer o local, Anselmo Bispo comprovou se tratar de um bom lugar para formar sua família em tempos futuros. No ano de 1883 chegou o momento de iniciar a construção dos seus ranchos e alojar sua família nessas terras ricas em fertilidade e caças. Com o passar dos dias vieram, seus primos Joaquim Caboclo, Manoel Caboclo, fazer uma visita a Anselmo Bispo e estes concordaram que o local era de uma riqueza inestimável e também decidiram residir no lugar. A partir de então, deu-se inicio a família do povo Koiupanká no alto sertão de Alagoas.

Com a opressão do não indígena, o povo ficou no anonimato por muitos anos, mas por ser resistente, iniciou um novo processo de luta com 72 famílias em busca de direitos. O fato teve inicio a partir do apoio do povo Kalankó que em um ritual comemorativo a um ano de luta (nos dias 25 e 26, de julho de 2001), convidou o atual cacique Koiupanká José João da Silva para fazer-se presente em um encontro de formação a acontecer no dia 27 de julho de 2001, em Lajeiro do Couro, município de Água Branca- AL, com o apoio do povo Kalankó, o assessor jurídico na pessoa do Sandro e o Conselho Indigenista Missionário (CIMI).

---

<sup>3</sup> Entrevista realizada no Polo Base Koiupanká, em 04/03/2015.

<sup>4</sup> Liderança política do povo Koiupanká, em 15/03/2015.

No encontro, o cacique foi orientado como efetivar e identificar-se com sua comunidade como povo indígena Koiupanká. Ainda convém lembrar que a liderança recebeu outro convite para participar de outro encontro de formação em Figueiredo, na aldeia do povo Jiripankó, localizada no município de Pariconha - AL.

A partir deste encontro de formação iniciou-se o processo de busca pelo reconhecimento, os descendentes de Pankararú tiveram o reconhecimento pelos parentes.

Neste encontro discutiram e chegaram à conclusão que o encontro deveria ser realizado em rodízio, definindo que o próximo encontro fosse sediado pela comunidade Koiupanká no Roçado, zona rural do município de Inhapi, com a presença dos outros povos do alto sertão de Alagoas, (Kalankó, Karuazú, Katokinn e Jiripankó). Este encontro foi de grande importância para o fortalecimento da busca pelos direitos, pois houve a oportunidade de esclarecer as dúvidas e de colher orientações sobre o que fazer e como fazer para efetivar-se o reconhecimento frente à sociedade e ser definitivamente reconhecido etnicamente como povo Koiupanká.

Em 11 e 12 de dezembro de 2001 aconteceu a identificação do povo Koiupanká para a sociedade, na aldeia Roçado, aproximadamente 1 km da cidade de Inhapi. Foi um momento histórico e singular, no qual nos reafirmamos para sociedade com costumes, cultura, tradição diferenciada, que até então se negavam a reconhecer que havia indígenas nesta localidade.

Em março de 2002, houve um movimento, onde estiveram presentes os cinco povos do alto sertão de Alagoas, Koiupanká, Kalankó, Katokinn, Jiripankó e Karuazú, na sede da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) em Maceió - AL para reivindicar o estudo étnico (inicialmente conseguiu-se para os povos, Kalankó e Karuazú).

Com persistência e resistência 47 povos indígenas de todo Brasil dentre eles os koiupanká, em 20 de maio de 2003, em Olinda-PE conquistaram o reconhecimento étnico. Devido à organização dos povos nesse movimento uma carta foi feita aos órgãos competentes e perante isso os povos presentes se auto identifica povos com tradições, costume e cultura de origem étnica indígena, baseando-se de acordo com a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Num trecho da carta dos povos indígenas que estavam no movimento para reivindicar o reconhecimento étnico aos órgãos governamentais lhes dá autonomia de se auto afirmar. Diz,



Portanto fazemos conhecer através desta carta e autoridades governamentais, que nossa luta partirá agora para identificação de nossas terras, não mais aceitando dúvidas oficiais quanto a nossa identidade étnica. Para isso, nos baseamos também na Convenção 169 OIT. Da qual o Estado brasileiro é signatário e preconiza auto-identificação como suporte do reconhecimento étnico oficial, e a partir da qual foi exigido o cumprimento os nossos direitos. (Olinda, 2003).

Diante disso entende-se que não é mais necessário o reconhecimento étnico de um povo, pois o indígena é aquele que alto reconhece. A luta dos Koiupanká parte agora para a identificação de seu território e processo da demarcação da terra.

A partir de então, a convivência com a sociedade não indígena adquirimos um mecanismos de prática e uso do nosso artesanato não havendo a esconder formas peculiar de confeccionar sem ter a preocupação que nos identifique, pelo contrário, queremos respeito e liberdade da pratica dos nossos costumes, cultura e tradição.

O convívio com a civilização e com a sua tecnologia contribuiu para que o artesanato passasse ser desvalorizado pela sociedade não indígena, anulando e correndo o risco das comunidades indígenas perderem parte da sua identidade, pois os mesmos desde a época colonial foram obrigados a negar sua identidade e praticas novas culturais, em troca de interesse e conhecimentos de vida dos não indígenas e ensinamentos da língua portuguesa, no entanto tal desejo dos ameríndios acarretou perdas consideráveis das tradições para alguns dos povos mais afetados pela colonização, com isto a sociedade não indígena se apoderou destas situações para desvalorizar a cultura rica de valores inestimáveis para estas comunidades, e obtenção de mão de obra escrava, com isto gera-se uma lacuna até então irreparável na cultura dos nativos. No qual o pensador Joao Pacheco deixa bem claro a respeito do índio na citação a seguir:

Hoje, a palavra “índios”, nos dizeres do antropólogo João Pacheco de Oliveira (1998), evoca para os brasileiros “uns fiapos de humanidade, dotados de tecnologias rudimentares, morando em pequenos grupos isolados nas matas, prestes a desaparecer diante da modernização, cada vez mais inexorável e globalizada” (OLIVEIRA, 1989, p.7). Essa concepção de “índios” foi construída historicamente a partir da ideia de inferioridade para justificar a apropriação dos seus territórios, conhecimentos e recursos naturais, além de justificar a eliminação cultural. (BRIGHENTIP, 2010, p.108).

O artesanato se estabeleceu como elo muito forte na vida dos Koiupanká transformando-se em complementação da fonte de renda e alta sustentabilidade, o caçupá fora um artesanato muito comercializado **imagem 1**, porém, atualmente este esta incluso aos demais que são utilizados apenas como utensílios domésticos, na organização das atividades ritualísticas do próprio povo, até porque é uma parte fundamental no labor e na participação dos costumes, tradições e característica da cultura e da identidade.



**Imagem 1:** confecção do caçupá



**Imagem 2:** Caçupá pronto

Um ponto bem visível quanto os artesanatos, era o uso das cerâmicas que de acordo a evolução, exigência do mercado de trabalho e a economia de tempo para as atividades diárias, por estarem inseridos nessa sociedade foram forçados a acompanhá-la de acordo a necessidade de cada individuo, pois permaneceram obrigados a mergulhar no modernismo e fazer a substituição da panela de cerâmica para conviver com a panela de pressão e o fogão a gás, deixando uma comida saudável cozida à lenha e em panelas livre de bactérias por uma facilidade da sociedade, que pode acarretar uma serie de problemas causados pela transferência do alumínio para o organismo humano, Elaine Cristina ao analisar os malefícios em pesquisas, confirma-se na citação a baixo as causas transmitidas pelo alumínio.

Pois sabemos que desde quando tentamos mudar o jeito de sermos e sobrevivermos, já acarreta problemas na saúde. Segundo uma pesquisa realizada por a engenheira Elaine Cristina Bocalon, na universidade de São Paulo (USP), afirma que alimentos preparados em panelas de alumínio e aço inox podem adsorver metais durante o cozimento e afetar a saúde humana. Segundo pesquisa realizada na escola engenharia de São Carlos (EESC) da USP neste recipiente é maior a transferência de alumínio (metal tóxico) para a água, e desta para os alimentos. No processo de cozimento do arroz e do feijão. Ela explica ainda que “esse metal causa inflamações,

seu vapor afeta gravemente os pulmões, e há estudo que mostram uma concentração de alumínio no cérebro de pessoas que morreram com mal de Alzheimer". Explica Elaine. (ALMEIDA, 2005, p.1)

De acordo com Elaine Cristina Bocalon, os fatos detectados em sua pesquisa, com relação aos prejuízos causados nos alimentos cozidos em panelas de alumínio são confiáveis, ainda convém lembrar que os anciãos da comunidade indígena Koiupanká são provas de que, panelas de barro são práticas e os alimentos cozidos são mais saudáveis mantendo segura uma vida por mais tempo.

### **3- A arte como fonte de renda**

A sociedade não indígena assolou a permanência dos povos em suas malocas de origem, sua forma de interferência no meio cultural indígena provocou o deslocamento dos artesãos primitivos do campo para cidade em busca de melhorias de vida. A constante influência do não indígena acarretou a perda considerável das terras e conseqüentemente da riqueza de matéria prima para confecção de suas peças. A escassez da matéria prima também contribuiu em grande escala na desvalorização da produção do artesanato, contribuindo para a sua decadência como prática ou como uso dessa cultura.

Quando falamos de arte também podemos falar dos traçados feitos com tintas naturais originais da natureza sagrada. As pinturas indígenas são de muita importância para os povos nativos por possuir e permitir várias interpretações. Quando são aplicados no corpo e nas vestes tais símbolos são incomparáveis, atuando de acordo com cada povo, possuindo descrições favoráveis, destacando a organização da aldeia. Existem traços que também são utilizados, nos uniformes das escolas indígenas, nos utensílios, nas paredes, nos adereços, e em uma série de lugares que sejam úteis de acordo às necessidades do grupo no momento. São registros de imenso valor simbólico e cultural por carregar um caráter próprio de cada povo.

O crescimento econômico do artesanato contribuiu financeiramente para as comunidades Indígenas no período em que a matéria prima era facilmente encontrada na região, a sociedade não indígena ainda se mantinha um pouco afastada das aldeias, as vendas eram destinadas aos indígenas, mas para complemento de renda vendiam para o não indígena também, Alguns não indígenas que até então não repudiavam a existência dos artesanatos, esses compravam os

artefatos para o uso doméstico e/ou agropecuário. À medida que os anos foram passando e, por conseguinte a venda consecutiva das peças começou diminuir, os artesãos foram levados a aperfeiçoar seus utensílios, imprimindo-lhes marcas próprias da sua tradição sob a forma de pinturas, tornando as peças mais atrativas para a venda.

[...] É uma arte mais comunal que individual, em cujo seio o artista nem sequer reivindica para suas obras a condição de criações únicas e pessoais. Sendo apenas genuínas, elas constituem reiteraões de elementos pertencentes à comunidade, tão dela que expressam mais sua tradição do que a personalidade do próprio artista (RIBEIRO in ZANINI, 1983, p. 49).

Minha visão segue a visão do autor Ribeiro quando se refere a “arte mais comunal que individual”, pois as peças criadas pelos artesãos indígenas são para eles como elementos próprios, estes não manifestam esforços para se mostrar que são peças inusitadas, pois para eles sua arte baseia-se no reflexo dos elementos de identificação das comunidades

Atualmente as pessoas não valorizam tanto quanto há anos atrás, deixaram de usar artesanatos manuais e passaram a procurar outros com mais acabamento e perfeição no feitiço, produzidos em fábricas; busca-se não só a qualidade e garantia do objeto, mas também a estética. Por este motivo houve uma baixa na confecção dos utensílios indígenas tradicionais, impactando sua fonte de renda.

Em consequência, os utensílios artesanais foram substituídos por outros fabricados pelos brancos. Como exemplo, o balaio feito de cipó foi substituído por coxos de pneus reciclados e coxeias de alvenaria por terem maior durabilidade. Quanto às cerâmicas, uma grande maioria foi substituída do mesmo modo. Panoles, potes, jarras, cuscuzeiras, xibungo, entre outros, não são mais tão comumente encontrados no fogão das casas de indígenas, mas ainda são vistas no fogão de lenha dos pequenos agricultores na roça ou guardados (em miniaturas) como registros usados nas atividades escolares.

[...] acumularam-se evidências de que a "sociedade urbana" não se opõe taxativamente ao "mundo rural", que o predomínio das relações secundárias sobre as primárias, da heterogeneidade sobre a homogeneidade (ou, ao contrário, segundo a escola) não são atribuíveis unicamente à concentração populacional nas cidades. (CANCLINI 1997, p.2)

Muitos acreditam que a sociedade urbana nunca se opôs quanto ao crescimento das comunidades rurais, assim como Canclini cita acima, tal descrição deve-se a sequência dos fatos em que ocorrem. Desta forma podemos atribuir o crescimento das populações indígenas e seus modos próprios de criações de suas peças, em alguns casos como mal vistos e até julgados inferiores a sociedade urbana.

O artesanato fortalece, expõe a origem e destaque de um povo através dos traços que são feitos como símbolo de diferenciação de cada artesão ou de cada povo. Essa atividade facilitou, no passado, e facilitará sempre, pois cada utensílio produzido é muito útil para a transmissão da cultura e do cotidiano indígena. Entre os Koiupanká, em todos esses tempos destacam-se os artesanatos de madeira e fibra. Atualmente ainda existem artesãos produtores na comunidade.

Os koiupanká preservam as peças antigas com muito cuidado, pois para o povo elas são muito valiosas, já que relembram coisas e momentos bons e vividos perto dos criadores dessas peças que não estão com eles fisicamente e sim permanece presente psicologicamente, Até porque esses artesanatos vêm de uma origem milenar dos anciões do tronco macro-jê Pankararú, pois os antepassados vieram deste povo. Afirmo ainda sendo descendente dos Pankararu que na nossa língua ponta de rama. “Desde já afirmo mesmo diante dos preconceitos e perseguição nunca deixáramos de fortalecer nossa identidade cultural, pois são de tal importância para nós que não há palavras que justifiquem essa forte ligação de origem”. (INAQUAÍR KOIUPANKÁ<sup>5</sup>).

Desde os ancestrais nossos costumes tradicionais são repassados para as crianças de forma interna, não costumam apontar o que é certo ou errado, mas sim mostrar o correto com a convivência e com a prática da observação cotidiana entre os anciões em todos e qualquer movimento cultural do povo, passados de uma forma criativa. Atualmente a atividade que mais se destaca, chamando a atenção da juventude, é a produção dos adereços, pulseiras, brincos, cocares, colares, tangas e

instrumentos de caça. Mais que produções, são experiências que mostram o imenso potencial criativo e imaginário dos jovens artesãos Koiupanká instruídos por artesões experientes que há muitos anos sobrevivem da produção de venda de artesanatos.

---

<sup>5</sup> Liderança Política do povo Koiupanká Cacique José João da Silva

As experiências e referências dos ensinamentos dos orientadores atuam positivamente sobre os aprendizes, aumentando-lhes o prazer de contribuir e pertencerem de um povo com costumes diferenciados e com o objetivo de construção da sua identidade cultural. Mantendo-os interligados aos valores culturais dos povos, sendo promulgada através das produções de materiais próprios, que identifique a existência do grupo, essas são relações bem comuns entre uma comunidade, pois de acordo citação a baixo, Almeida 2011, afirma essas relações entre ambos.

[...] As relações têm como base os valores de uso. De acordo com esses valores, a cultura pode se expressar em nível material, também chamada de cultura ergológica. É a cultura que abrange o conjunto das elaborações materiais (artefatos) (ALMEIDA 2011, p.12).

Contudo, o artesanato é um elo entre a relação cultural, social e econômico da comunidade, podendo compreender a expressão do mundo da cultura com a questão trabalho e aproximação com a realidade da natureza, refletindo sobre as manifestações artísticas de sua comunidade e de outras.

É de conhecimento geral que as elaborações de artesanatos se deram graças a um conjunto de aspectos naturais e de valores culturais grandiosos para as comunidades, pois a vida do indígena, sempre esteve ligada a natureza, por meio dos quatro elementos, água fogo, terra e ar. Estas ligações acontecem em todas as culturas e principalmente nas indígenas, pois, trazem elementos importantes para valorização e repasse dos saberes tradicional e dos outros saberes que aos poucos vão fazendo parte da vida atual e essa, por sua vez, vem sendo desenvolvida de acordo com a cultura de cada povo.

Ao contrário do que muitos acreditam, a identidade dos povos mantém-se preservada graças à relevância com que mantém quanto à divulgação de seus conhecimentos, assim como as ceramistas Kariri-Xocó que são referência no estado como grandes louceiras, as indígenas Koiupanká se destacou por partilhar destes conhecimentos que há anos sustentou famílias inteiras da produção e venda destes.

[..] É ele um dos pontos da base da identidade do grupo, de sua permanência e mesmo persistência, apesar dos grandes impactos provocados pelos brancos. [...] Como se pode verificar, argumentamos que a tradição pode ser vista como algo sustentado pelo segredo. Essa dupla inserção da cerâmica – segredo e produção – na construção do cotidiano do grupo justifica ideologicamente os costumes que se estabelecem. E, dentre eles, a posição da mulher na cerâmica. Para o Kariri-Xocó, Tudo existe por haver uma razão de ser e tudo decorre dos contornos e da intimidade do

segredo que, ao ser um dado de identidade, é também político. (CACIQUE SANTIAGO 2003, p. 04).

Os artesãos indígenas valorizam as obras artísticas não só do seu grupo, mas também de outros povos e outras organizações sociais, respeitando a diversidade dos produtos, que por sua vez sabem identificar os aspectos que singularizam os artesanatos e as culturas indígenas, frente a outras não indígenas. Essa é uma forma de reconhecer a importância de registrar, conservar e divulgar esses utensílios tanto da comunidade indígena como de outros povos. Desta forma podemos citar a prática da produção de cerâmicas por ser desenvolvida em todas as comunidades indígenas, não necessariamente produzem as mesmas peças e com as mesmas identificações e valores simbólicos.

Entre os Carajá, temos o exemplo das bonecas feitas em argila. A sua produção para venda trouxe mudanças, compreendidas como mudanças criativas na técnica de fabrica e sua fama. As cerâmicas deram vida e movimento as bonecas, mantendo uma temática intimamente ligada à cultura e a vida dos Carajás. (RCNEI, LEOPARDO 2005, p.291)

No entanto para os koiupanká não se tem o conhecimento de um modelo próprio de cerâmica que der referência à existência do grupo, os mesmos não tiveram os mesmos hábitos da produção de bonecas de louça quanto os Carajás, com tudo manteve-se a produção de panelas e potes a fim de conseguir renda financeira satisfatória, para sustentabilidade das famílias, muito menos da comunidade, pois o avanço da cidade nos espaços territoriais acarretou a perda na liberdade do povo.

Em virtude dos fatos mencionados acima, o artesanato favoreceu a identificação e o registro dos artesãos que executaram e desenvolveram essas atividades, por muitos anos. Podendo compreender o impacto do estudo dos conhecimentos dos ancestrais a respeito da importância da comunidade e das atividades artística que simboliza diversas situações na comunidade, envolvendo as festas, as cerimônias religiosas, o labor da casa, o trabalho domestico, braçal e outras atividades cotidianas.

O nativo através das expressões artísticas dos grupos indígenas tem como propósito valorizar a memória étnico-cultural de seu povo, buscando a valorização dos seus conhecimentos culturais, desta maneira alcança a diminuição da discriminação dos não indígenas, os quais rotulam os nativos como preguiçosos sem conhecimento suficiente para repasse de saberes superando as discriminações que são atribuídas pela sociedade não indígena.

#### **4- Conclusão**

Levando em consideração os aspectos e contextos já mencionados, conclui-se que a motivação é fundamental para o artesão, principalmente no caso dos Koiupanká. No início da sua juventude esse povo trabalha, diariamente, a valorização do seu trabalho na confecção artesanal dentro e fora da Comunidade. Esse é um processo significativo com uma forte ligação entre o saber dos anciões e os curumins, as experiências adquiridas com a natureza e com os anciãos em suas especificidades e sua produção artística, envolvendo diferentes procedimentos nas técnicas empregadas na fabricação e decoração dos diferentes objetos de uso cotidiano e ritualístico, têm como base o respeito à mãe natureza visando o fortalecimento da identidade do povo.

Ainda convém lembrar que, os adereços indígenas não são valorizados pela sociedade não indígena, pois a mesma deixa transparecer um olhar desprezível em relação a este tipo de arte. A única instituição que ainda incentiva e valoriza a riqueza destas peças no Brasil são os museus que se dispõem a expor as coleções indígenas, no entanto, esses artefatos passam a ser visados apenas como patrimônio cultural de um povo, sem mesclar o valor religioso que possui para as comunidades. Ainda convém lembrar que para os indígenas de Alagoas os adereços além de ser bastante valorizados, há algumas informações que não são expostas ao público, pois o valor simbólico é de tamanha importância e respeito que é preferível deixar no anonimato.

Por tanto, essas instituições são apenas uma forma de apoio para que a sociedade passe a observar essas peças e tenham um olhar artístico nos trabalhos dos povos valorizando e respeitando os artesanatos construídos pelos índios, pois compõe a história dos nativos, primeiros habitantes existentes nesse território. As artes estão presentes em toda culturas, permitindo que o não indígena compreenda a forte ligação entre o particular e tudo que há na natureza, possibilitando ainda que identifique os aspectos que formam a identidade, sendo ela de um ser, de um grupo, de uma região ou até mesmo de todo território nacional.

Em virtude dos fatos mencionados a cima, conclui-se que o artesanato é visto como um elo simbólico muito forte dentro das comunidades indígenas, sendo utilizado no dia a dia e principalmente nos momentos ritualísticos, no entanto esta



prática ainda não fora suficiente para suprir a necessidade da comunidade no complemento da renda familiar e formação pessoal quanto artesãos em exercício, pois a produção de peças sofreu uma decadência ao longo dos 515 anos, após a colonização e este declínio vem se perpetuando ao longo dos anos, chegando à mínima produção e utilização diária.

Por consequência da escassez da matéria prima na região devido negação e a falta da demarcação das terras do povo koiupanká, (comunidade pesquisada), a qual é a principal fonte de extração da matéria prima é a terra, tornando-se ao longo dos anos suporte para a alta decadência do artesanato favorecendo a falta da produção dos adereços e a melhoria do complemento da renda e sustentabilidade dos indígenas deste povo. Portanto para que os problemas da confecção e produção artesanal se desenvolvam como completo da fonte de renda ao povo koiupanká, se faz necessário que os órgãos competentes responsáveis tenham um olhar relacionando a dimensão e relação dos povos indígenas com a natureza e os direitos territoriais.

## 5-Referências

ALMEIDA Maria. **Transferência de alumínio das painéis para a água e para os alimentos pode afetar a saúde humana.** Disponível em: <<http://www.usp.br/agen/repgs/2005/pags/287.htm>> acesso em: 17/04/2015.

ALMEIDA, Luiz Sávio de. **Estud. av.** vol.17 no. 49 São Paulo Sept./Dec. 2003. As ceramistas indígenas do São Francisco: Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1111590/s0103-40142003000300015>>.

ANDRADE, Tania Maris de; ALMEIDA, Arinalda Cordeiro de. **O Brasil indígena Um contexto amplo e diversificado.** João Pessoa: Editora Grafset, 2011.

BRIGHENTI, Clovis Antonio - **CA Revista Cadernos do Ceom,**– Bell Disponível em: <<http://www.unochapeco.edu.br>>. 2010.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas** - estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

COLLET, Célia, Mariana; PALADINO, Kelly Russo. **Quebrando preconceitos:** subsídios para o ensino das culturas e histórias dos povos indígenas. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria; Laced, 2014.

MEDEIROS Juliana Schneider. **Educação escolar indígena específica e diferenciada:** o estudo da língua kaingang e do artesanato na escola. Rio Grande do Sul, Porto Alegre, UFRGS, 2012.

PROENÇA, Graça. **Historia da arte.** Nacional para as Escolas Indígenas. São Paulo-SP: Editora Ática, 2005.

RIBEIRO, Darcy. Arte índia. In ZANINI, Walter (Org.). **História geral da arte no Brasil** – v. 1. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983.

VIEIRA Jorge. **Cartilha cultura viva Koiupanká**; INHAPI-AL, Colaboração Carol Otto, 2007.